



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**FRANCISCA RUANDA LEITE DE LIMA**

**O FEMININO NA POLÍTICA BRASILEIRA: ANÁLISE DA TRAJETÓRIA POLÍTICA  
DE LUIZA ERUNDINA (1988 – 1992)**

**Campina Grande- PB**

**2024**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**

**FRANCISCA RUANDA LEITE DE LIMA**

**O FEMININO NA POLÍTICA BRASILEIRA: ANÁLISE DA TRAJETÓRIA POLÍTICA  
DE LUIZA ERUNDINA (1988 – 1992)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, no município de Campina Grande, Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção da colação de grau de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientadora: Dra. Elizabeth Christina de  
Andrade Lima

**Campina Grande- PB**

**2024**

L732f

Lima, Francisca Ruanda Leite de.

O feminino na política brasileira: análise da trajetória política de Luiza Erundina (1988-1992) / Francisca Ruanda Leite de Lima. - Campina Grande, 2024.

47 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Profa. Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima."

Referências.

1. Luiza Erundina. 2. Trajetória política. 3. Estereótipos de gênero. 4. São Paulo. 5. Mulheres na política. I. Lima, Elizabeth Christina de Andrade. II. Título.

CDU 32-055.2(815.6)(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CH  
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitário, Campina Grande/PB, CEP 58429-900  
Telefone: (83) 2101-1200  
Site: <http://ch.ufcg.edu.br> - E-mail: [assadm@ch.ufcg.edu.br](mailto:assadm@ch.ufcg.edu.br)

## REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

### **ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO, NO DOMÍNIO DA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, REALIZADA EM 04 DE JUNHO DE 2024.**

Ata da Sessão Pública de Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso da discente, **Francisca Ruanda Leite de Lima**, matrícula **116231155**, do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Campus Central da Universidade Federal de Campina Grande. Aos quatro dias do mês de junho, em uma terça-feira, do ano de dois mil e vinte e quatro, às 10:00 horas da manhã, em uma sala virtual, reuniu-se a Banca Examinadora, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima (Orientadora) - UACS/CH/UFCG; Profa. Dra. Roseli de Fátima Corteletti (Examinadora Interna) - UACS/CH/UFCG e a Profa. Dra. Sheylla de Kassia Silva Galvão (Examinadora Interna) - UACS/CH/UFCG. Após a apresentação da Banca Examinadora e das considerações iniciais, a discente Francisca Ruanda Leite de Lima iniciou a apresentação do seu trabalho, intitulado: "**O Feminino na Política Brasileira: análise sobre a trajetória de Luiza Erundina (1988-1992)**", em seguida a aluna foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo demonstrado suficiência de conhecimento e capacidade de sistematização no tema de sua monografia, obtendo nota 9,5 (nove inteiros e cinco décimos) e conceito Aprovada seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Face à aprovação, declara a orientadora, achar-se a examinada, legalmente habilitada a receber o Grau de Licenciada em Ciências Sociais, cabendo à Universidade Federal de Campina Grande, como de direito, providenciar a expedição do Diploma, a que a mesma faz jus. Não havendo mais nada a declarar, na forma regulamentar, foi lavrada a presente Ata, que é assinada por mim, Glauber Raniere de Medeiros Pereira, Secretário da Coordenação de Graduação em Ciências Sociais, CH, a discente e os respectivos membros da Comissão Examinadora. Campina Grande, PB, 04 de junho de 2024.

Profa. Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima  
Orientadora - UACS/CH/UFCG

Profa. Dra. Roseli de Fátima Corteletti  
Examinadora Interna - UACS/CH/UFCG

Profa. Dra. Sheylla de Kassia Silva Galvão  
Examinador Interno - UACS/CH/UFCG

Francisca Ruanda Leite de Lima  
Discente

Glauber Raniere de Medeiros Pereira  
Secretário da Coordenação do Curso de Graduação em Ciências Sociais

## APROVAÇÃO

Segue a presente Ata de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da discente Francisca Ruanda Leite de Lima, assinada eletronicamente pela comissão examinadora acima identificada.

No caso de examinadores externos que não possuam credenciamento de usuário externo ativo no SEI, para igual assinatura eletrônica, os examinadores internos signatários certificam que os examinadores externos acima identificados participaram da defesa da tese e tomaram conhecimento do teor deste documento.



Documento assinado eletronicamente por **ELIZABETH CHRISTINA DE ANDRADE LIMA, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/06/2024, às 17:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **SHELLLA DE KASSIA SILVA GALVAO, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/06/2024, às 17:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **ROSELI DE FATIMA CORTELETTI, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/06/2024, às 18:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **GLAUBER RANIERE DE MEDEIROS PEREIRA, ASSISTENTE DE ADMINISTRACAO**, em 05/06/2024, às 19:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Francisca Ruanda Leite de Lima, Usuário Externo**, em 05/06/2024, às 19:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **4489151** e o código CRC **2DAB124C**.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiro quero agradecer a minha mãe Rosilene e ao meu pai Raimundo Rildo que sempre me incentivaram a estudar e acreditar que o conhecimento é a única coisa que ninguém pode me tirar.

Agradeço também a tia Rita e minha prima Adileide que sempre se fizeram presentes, mesmo longe, e ficaram verdadeiramente felizes pelas minhas conquistas e a todos meus familiares, pelo incentivo, apoio, amor e orações.

Agradeço também a minha parceira de vida Aline, por todo companheirismo, afeto, momentos compartilhados e apoio principalmente nessa reta final do curso.

Agradeço, especialmente, a minha Orientadora Elizabeth, por aceitar direcionar minha pesquisa, além de todos os ensinamentos durante o curso. Sua generosidade e dedicação são referências que pretendo praticar durante minha jornada profissional.

Agradeço também a todas as professoras e professores da UFCG que me fizeram apaixonar-me pelo Curso e adquirir tantos aprendizados, em especial, a professora Maria Assunção pelo comprometimento e auxílio em toda minha jornada.

Agradeço ao “RA”, meu grupo de meus amigos de longa data, que juntos construímos nossas vidas compartilhando momentos, mesmo de longe, mas buscando se apoiar uns nos outros sempre.

Agradeço a minha amizade mais antiga, Madá, por ter compartilhado comigo tantos momentos importantes da adolescência, assim, como na fase adulta.

Agradeço aos meus amigos, Rayza, Isac, Ana, Mariana, Daniel, Raildo e Ravel, que sempre me proporcionaram inúmeros momentos de felicidades e sempre estiveram comigo, amo vocês.

Agradeço ao Ensino Superior Público, que me proporcionou tantas oportunidades de aprendizado.

E por fim, rendo graças a mim mesma, por ter, todo o tempo, buscado me empenhar para concluir minha Graduação; essa etapa representa uma grande conquista e um sonho realizado. Obrigada!

## RESUMO

O estudo trata sobre o feminino na política brasileira, em especial, analisa a trajetória política de Luiza Erundina, nos períodos em que foi eleita e atuou como prefeita de São Paulo entre 1988 a 1992, a fim de compreender esse período como uma ocasião interessante para ser pesquisada pelo ineditismo de uma mulher, nordestina, migrante e de esquerda, vencer as eleições na maior cidade do Brasil. Objetivo é analisar a imagem de Erundina construída pela mídia e como ela enfrentou os estigmas de ser mulher nordestina e de esquerda. Interessa analisar quais os estereótipos construídos para definir a sua imagem plástica e pública. Pois, como será visto, ao longo deste TCC, a mídia em geral na época privilegiou, enquanto um recorte de gênero, destacar aspectos físicos da candidata tais como: sua beleza plástica, vestuário, “ vaidade feminina”, além de aspectos comportamentais e questionadores sobre a sua vida sexual, sexualidade e orientação sexual. Para tanto, foi realizado uma pesquisa bibliográfica sobre Luiza Erundina, buscando detectar tanto aspectos de sua vida privada como de sua inserção e ocupação do espaço público. As reflexões teóricas encontram-se amparadas, principalmente, pelos seguintes autores: Goffman (1978) e Biroli (2014). O estudo demonstrou como é difícil a inserção das mulheres nos espaços de poder e do destaque que deve ser dado a este personagem, pela sua história de ser a primeira mulher eleita para administrar a cidade de São Paulo.

**Palavras-chave:** Luiza Erundina. Trajetória Política. Estereótipos de Gênero. São Paulo.

## ABSTRACT

The study deals with the feminine in Brazilian politics, in particular, it analyzes the political trajectory of Luiza Erundina, in the periods in which she was elected and served as mayor of São Paulo between 1988 and 1992, in order to understand this period as an interesting occasion for be researched for the unprecedented nature of a woman, from the Northeast, migrant and leftist, winning the elections in the largest city in Brazil. The objective is to analyze the image of Erundina constructed by the media and how she discovered the stigmas of being a northeastern and left-wing woman. It is interesting to analyze which stereotypes are constructed to define her plastic and public image. Because, as will be seen, throughout this TCC, the media in general at the privileged time, as a gender perspective, highlights physical aspects of the candidacy such as: her plastic beauty, clothing, "feminine vanity", in addition to behavioral and questioning aspects about your sex life, sexuality and sexual orientation. To this end, a bibliographical research was carried out on Luiza Erundina, seeking to detect both aspects of her private life and her insertion and occupation of public space. The theoretical reflections are mainly supported by the following authors: Goffman (1978) and Biroli (2014). The study demonstrated how difficult it is for women to be included in spaces of power and highlights the importance that should be given to this character, due to her story of being the first woman elected to administer the city of São Paulo.

**Keywords:** Luiza Erundina. Political Trajectory. Gender Stereotypes. Sao Paulo.

## **LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABC - Bairro de São Paulo

APASSP- Associação Profissional dos Assistentes Sociais de São Paulo

CNDM – Conselho Nacional da mulher

PEC - Proposta de Emenda à Constituição

PMDB - Partido do Movimento Democrático

PSDB - Partido Social Democrático Brasileiro

PSOL - Partido Socialismo e Liberdade

PT - Partido dos Trabalhadores

SBT- Sistema Brasileiro de Televisão

TV - Televisão

UIP- União Inter-Parlamentar

## Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES.....</b>	<b>15</b>
2.1 Início das atividades políticas de Luiza Erundina.....	17
2.2 Casamento, Relações de Gênero e Desvio.....	22
<b>3. LUIZA ERUNDINA: ELEITA A PRIMEIRA PREFEITA DE SÃO PAULO.....</b>	<b>25</b>
<b>4. PERSONA PUBLICA E MÍDIA.....</b>	<b>30</b>
<b>5. A IMPORTÂNCIA DA CANDIDATURA DE MULHERES NA POLÍTICA.....</b>	<b>36</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A participação das mulheres na política e suas trajetórias de lutas e reivindicações a partir movimentos sociais vem alcançando posições positivas na sociedade, no mercado de trabalho, em cargos de liderança e no espaço político. Nesse texto, busco refletir sobre a trajetória política e da imagem pública de Luiza Erundina a partir das biografias sobre sua vida. Ela foi a primeira e única mulher nordestina até hoje, eleita democraticamente assumindo a gestão da maior cidade da América Latina no município de São Paulo entre 1988 e 1992 logo após o período de redemocratização. Atualmente se encontra no cargo de Deputada Federal, pelo Estado de São Paulo.

A relevância dessa pesquisa é compreender Luiza Erundina enquanto mulher e por ter uma personalidade política notável. Pois foi a pioneira como a primeira mulher a ocupar um cargo de destaque na política brasileira. Sua história e contribuições à política nacional e às lutas sociais, ao defender valores das mulheres são significativas. O intento, pois, é o de analisar a partir de suas biografias sobre os desafios enfrentados na trajetória de vida, e as relações de gêneros e estereótipos que persistem no ambiente político.

No início da sua carreira política, foi apoiada e uma das fundadoras do partido de esquerda, o Partido dos Trabalhadores (PT) e atualmente encontra-se coligada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Antes de tudo gostaria de ressaltar que não há pretensão em apresentar a biografia de Erundina, o objetivo é compreender a trajetória política entre 1988 e 1992 enquanto um processo construtivo por ser mulher, nordestina, migrante e de esquerda. E analisar, de forma crítica, a presença de práticas abertas ou veladas de misoginia e estereótipos de gênero a ela dirigidos.

Busco questionar, a partir dos escritos e entrevistas sobre Luiza Erundina, como os desafios por ela vividos impactam na participação das mulheres na política, e quais foram suas estratégias para superar tais desafios e garantir a sua participação

em um ambiente político majoritariamente masculino. A partir de entrevistas, vídeos e escritos sobre ela, busco analisar criticamente como a chamada mídia hegemônica e os portais brasileiros de notícias utilizados na época, retrataram sua imagem pública.

A partir do ponto de vista acadêmico, o tema é importante para o curso de Ciências Sociais por algumas razões. Primeiro, por oferecer uma oportunidade de explorar e analisar as dinâmicas de poder, desigualdade de gênero e representatividade política na sociedade brasileira e como essas questões se atravessam.

E como justificativo pessoal ao que me levou para a escolha desse tema, se deu a partir da experiência de crescer na mesma cidade que Luiza Erundina (Uiraúna) no sertão da Paraíba. Desde pequena, sempre ouvi falar muito sobre ela e sua trajetória na política. Como conterrânea, sempre admirei sua coragem e determinação por migrar de uma cidade muito pequena em busca de conhecimento e educação, a fim de sair das condições que já eram pré-estabelecidas para mulheres que moravam no sertão da Paraíba, por sofrer repressões e ser perseguida na época da ditadura. Mas que mesmo diante de todas as pressões sofridas por ser mulher, nordestina, pobre, migrante e de esquerda se torna a primeira mulher prefeita da maior cidade da América Latina.

A Metodologia utilizada é a qualitativa e bibliográfica, bebendo das fontes de livros e biografias sobre Erundina e entrevistas (fotos, vídeos e notícias). A amostra são os períodos específicos em que Luiza Erundina foi prefeita e teve suas biografias publicadas a partir desse acontecimento. E para concluir, compreender como a misoginia e estereótipos de gênero nos escritos e entrevistas sobre Luiza Erundina estão atrelados até hoje na política.

Para tanto o TCC se encontra dividido da seguinte maneira: no primeiro capítulo será abordado o início da participação das mulheres na política brasileira a partir dos anos 60 durante o período de Ditadura Civil Militar, a forma como as mulheres reagiram para reivindicar seus direitos e o surgimento de Movimentos Sociais. Em seguida serão apresentados o período de redemocratização e o nascimento do Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres, que pautavam sobre os direitos básicos e necessários para as mulheres.

Muitos partidos durante essa época também foram fundados por sindicalistas, mulheres, metalúrgicos e um desses partidos foi exatamente o PT - Partido dos

Trabalhadores, em São Paulo. Foi no Partido dos Trabalhadores que Erundina iniciou suas primeiras atividades na política, apoiando os Movimentos Sindicais e as pautas que o Partido defendia na época. Com isso, o acúmulo do capital político de Erundina foi crescendo e ganhando força na população de São Paulo, visto que o seu perfil servia como representação de uma mulher migrante, muitos dos nordestinos que também migraram para São Paulo em busca de melhores condições de vida, se identificavam com sua história. Por ser solteira, sem filhos, acabou sofrendo preconceitos em relação a sua condição de gênero, como será visto ao longo do texto.

No segundo capítulo, analiso o fato de Erundina ser a única mulher que estava concorrendo ao cargo de prefeita, e o efeito da sua campanha eleitoral e do seu acúmulo de capital político, teve como resultado a vitória nas eleições, se tornando a primeira prefeita da maior cidade da América Latina, São Paulo. Após isso, é importante observar a divisão dos cargos da sua gestão, pois pessoas importantes e destacadas no País, fizeram parte desse grupo na sua gestão. Discuto também a forma de como os partidos políticos se inovavam após uma crise política, e essa inovação geralmente é ligada a uma candidatura por representação feminina. Mas, é importante compreender que o apoio dos partidos em relação às candidaturas femininas era muito discreto e até ineficiente. Nesse capítulo apresento relatos de Erundina sobre como era o investimento das campanhas eleitorais de mulheres e de homens, ela descreve a discrepância entre sua campanha política e a do seu adversário Paulo Maluf, representante do Partido Democrático Social - PDS.

No terceiro capítulo, apresento uma análise sobre a *persona* pública Luiza Erundina e a forma de como a mídia a apresentou. Pois, na época em que ela foi eleita, as únicas fontes de informações populares eram as notícias por jornais, rádios e televisões. A partir disso, será abordado a forma e planejamento de como acontecia os horários eleitorais políticos na TV, a construção do enredo, dos personagens políticos que no caso seria os candidatos, as cores das roupas, do cenário, os argumentos. Dessa forma, nesse capítulo busco compreender a partir dessas estruturas, o vídeo da primeira campanha eleitoral que passou em TV aberta de Luiza Erundina. O modo de vestir, o discurso da candidata, a letra da música, e como os papéis tradicionais de gênero se fizeram presente no discurso, mas ao mesmo tempo, a imagem que estava relacionada àquele discurso, era diferente do esperado. Por outro lado, a mídia dos jornais, revistas e notícias, questionavam a aparência de Erundina, sua sexualidade, vida pessoal. Até mesmo em uma das suas biografias,

escritas por um jornalista conterrâneo da sua cidade natal, trata da sua aparência com desprezo. Será abordado a questão da desqualificação do feminino. Mas mesmo diante de todos os preconceitos existentes em torno da sua imagem e trajetória política, ela demonstra que a sua vitória é um ato muito significativo, pois muitas pessoas, principalmente mulheres, se sentiam representados por ela. Por mais que as mídias, os jornais, tentassem desqualificar sua existência e representatividade.

Já nas considerações finais, será abordado a importância das mulheres na política, tanto enquanto candidatas, mas também em locais de poder. Pois, analisando a partir da época em que Luiza Erundina foi eleita, pouco se via a presença de mulheres nesses espaços, em grandes cargos políticos como de deputada, senadora, governadora. Após mobilizações femininas de mulheres que tinham interesse em fazer parte da política, foi estabelecida leis de cotas para assegurar e equilibrar a participação de mulheres nesses cargos. Mas, é de extrema importância entender como acontece esse processo de votação, que é feito majoritariamente por homens que já estão no poder, e como essas figuras masculinas impõem barreiras e “paredes sociais” construídas culturalmente pela nossa sociedade e historicamente. Assim, nesse último tópico, é possível compreender que o fato de Luiza Erundina ser eleita a primeira mulher na década de 1980 é um “ponto fora curva”.

## **2. A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES**

A participação das mulheres na sociedade brasileira se potencializa a partir dos anos 60, durante o auge da ditadura civil-militar, que dominou o Brasil por um período de 21 anos. Desta forma, muitas delas participavam de “movimentos populares de oposição, criando suas próprias formas de organização, lutando por seus direitos sociais, justiça econômica e democratização”. (SOARES,1998, p.34). Mas identifica-se que as mulheres nessa época se dividiam e se identificavam a partir de duas formas:

A participação política das mulheres nos anos 1960 e 1970 no Brasil foi diferenciada. Tal conjuntura foi marcada por um contexto político diverso, incluindo desde grupos de mulheres conservadoras, que aderiram ao fortalecimento da ditadura civil-militar e para ele contribuíram, como de outras mulheres que militaram e se organizaram contra a ditadura civil-militar,

no campo e na cidade encorajando as mulheres a se politizarem e a combaterem as estruturas sexistas de poder. (ALVES, 2022, p.175)

Isso se deve ao fato da existência de dois grupos de mulheres ligadas a política da época, aquela mulher mais próxima de um modelo conservador que preserva os valores, instituições e práticas tradicionais da sociedade, que faz questão de exaltar em seu discurso a importância dos “valores morais da família, da Pátria e de Deus”, muitas vezes defendendo princípios religiosos e tradicionais com um senso de patriotismo. E as mulheres militantes, que resistiram à ditadura civil militar, e que fazem parte de movimentos de esquerda. Devido à crise econômica e a inflação da época, várias categorias da sociedade como os operários e as mulheres, buscaram se articular e se organizar a fim de reivindicar seus direitos contra a desigualdade e a discriminação de sexo. Diante disso, os debates sobre as pautas levantadas pelas mulheres começaram a ganhar visibilidade dentro dos partidos. Sobre este tema formula Sarti (2004):

Identifica-se que no ano de 1980 as novas formas de organização e instituição marcaram esse período, devido às preocupações com os direitos a saúde e a sexualidade feminina e o combate à violência doméstica, por fim, “como saldo positivo de todo esse processo social, político e cultural, deu-se uma significativa alteração da condição da mulher na Constituição Federal de 1988 que extinguiu a tutela masculina na sociedade conjugal.” (SARTI, 2004, p.42)

O período da redemocratização em primeiro momento trouxe a esperança de que os direitos humanos e a igualdade das mulheres pudessem ser oficializados, com a constituinte de 1988. Pitanguy (2018), assevera que durante o movimento cívico pelas Diretas Já, mulheres de todo o país, organizadas em movimentos, associações e sindicatos, conclamavam por uma redemocratização das instituições políticas e das relações entre mulheres e homens, requalificando o conceito de democracia. Identifica-se que durante esse período, Tancredo Neves e seu Vice José Sarney foram eleitos a partir de uma eleição indireta, chegando ao fim da ditadura militar e do início ao período democrático no Brasil.

Nessa perspectiva e nesse mesmo ano, foi criado o primeiro Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres (CNDM), um órgão federal de orçamento próprio, tinha como participação mulheres de todas as profissões e classes sociais, com o

intuito de discutir sobre os direitos trabalhistas, saúde, educação, visando garantir uma maior participação de mulheres no Congresso Nacional e na esfera política. Foram promovidos vários encontros em todo Brasil, a fim de defender seus direitos e levantar debates importantes para o conhecimento social.

A campanha pelos direitos das mulheres na Constituição desenvolveu-se de 1985 até a promulgação da Constituição em 1988, e constitui uma das principais ações de advoga pelos direitos das mulheres na história do Brasil. Essa campanha antecede a eleição do Congresso Nacional, acompanha todo o processo constituinte e, após a promulgação da Constituição, desenvolve estratégia de comunicação, informando a sociedade sobre os direitos adquiridos. (PITANGUY: 2018, p. 47)

Após três anos da promulgação da Constituição que garantia os direitos das mulheres em 15 de novembro de 1988 acaba se tornando um dia histórico. Dia de eleições municipais em todo Brasil. Na cidade de São Paulo uma mulher nordestina foi eleita, com o nome de Luiza Erundina. Mas antes, é necessário compreender o cenário político de São Paulo, em 1980. Pois, na maior cidade da América Latina acontecia o ato de fundação do Partido dos Trabalhadores no Colégio Sion (Colégio Elitista de Época). Grande parte das pessoas que compareceram tinham interesses alinhados em apoiar as pautas e anseios do Partido dos Trabalhadores.

## 2.1. INÍCIO DAS ATIVIDADES POLÍTICAS DE LUIZA ERUNDINA

Figura 1- Luiza Erundina de Sousa e Luís Inácio Lula da Silva, numa manifestação pública em 06.09.1989



No cenário social da época, identifica-se que houve uma greve no ABC, que é uma região tradicionalmente industrial do estado de São Paulo, a greve dos metalúrgicos paulista serviram de referência política para a série de movimentos grevistas no Brasil daquela época, envolvendo toda a classe trabalhadora, e o maior líder da época foi Luís Inácio Lula da Silva. <sup>1</sup>

A partir de 1988, a nova Constituição favoreceu tanto o aparecimento de novos sindicatos quanto a fragmentação de categorias já organizadas, surgindo inclusive alguns sindicatos por profissão. (OLIVEIRA, 1994, p. 503). Paralelamente a isso, Luiza Erundina se fazia presente neste ato de Fundação do Partido dos Trabalhadores, como foi dito acima, a nova Constituição trouxe a possibilidade do surgimento de sindicatos a partir das profissões, ela fazia parte do APASSP (Associação Profissional dos Assistentes Sociais de São Paulo) e da favela Marconi, na Zona Norte de São Paulo. Em entrevista concedida Erundina assim explica a sua relação com o Movimento Sindical:

Em fevereiro e março de 1980, em uma reunião histórica realizada em São Paulo, no Colégio Sion (que é a fortaleza da educação elitista), discutiram-se as propostas essenciais para a formação de um Partido dos Trabalhadores. O surgimento de um novo partido é um momento delicadíssimo na vida social de um país, quando se solidificam fatores diversos, cuja seleção pode ser decisiva para o destino da coletividade. No Brasil, os partidos tinham sido criados sempre pelas oligarquias que reuniam clientelas, e só meia dúzia realmente contavam. O PT foi e é até agora um partido nascido das bases. Quando conheci o Lula e se iniciou o processo de fundação do PT, ele me disse ter compreendido que o sindicato era um instrumento importante e eficiente (...). Guardo recordações apaixonadas do processo de constituição e crescimento do PT, que era alegre, era um sonho, uma utopia.

Desse modo, Erundina acabou se integrando ao Partido dos Trabalhadores e iniciando sua inserção na política. Mas, antes disso, ela era militante e presidenta da Associação dos Assistentes Sociais de São Paulo, e foi a terceira mulher a assumir esse cargo de representante. Em entrevistas e biografias, Erundina relata que não se

---

<sup>1</sup>ANDREAS, Niels (Fotógrafo) Agência folhas. Luiza Erundina de Sousa e Luís Inácio Lula da Silva, numa manifestação pública. In: Exercício da Paixão Política. São Paulo: Cortez, 1991, p. 122.

utilizou de capital familiar para entrar na militância, pois não havia nenhum resquício de sua família em movimentos sociais e políticos. Pois, muitas mulheres se inserem na política em decorrência de familiares já pertencerem na política, é visto como fator que “resolve” os impedimentos estruturais. Já a trajetória política de Luiza é uma das poucas que é toda baseada na militância e popularidade social;

A popularidade obtida em outras áreas é transferida para a política. É o caso, por exemplo, de intelectuais, artistas ou esportistas que ingressam na vida parlamentar. Neste caso, é relevante identificar a "taxa de conversão", que varia de espécie de capital para espécie de capital e é função das próprias lutas políticas. Quando, por exemplo, um esportista ingressa na vida política, ser-lhe-á imposta uma taxa de conversão desfavorável, tornando improvável que ele alcance uma posição de primeira grandeza. Já o capital cultural pode obter uma taxa de conversão melhor. (MIGUEL, 2001, p.20)

Nesta perspectiva é possível observar-se que a participação de Luiza Erundina enquanto representante do núcleo de Assistentes Sociais e militante de suas lutas políticas, deve-se ao seu acúmulo de capital. Pois, quanto mais elevado o cargo ocupado, maior as chances e distinção pelo posto ou pelo cargo que se ocupa. Conforme se acumulava o seu capital político, por participar de movimentos sociais e por ser uma representante ativa enquanto sindicalista, aumentaram também as chances de se candidatar a um cargo elevado, o de vereadora em São Paulo.

Dois anos após, ela se candidatou como vereadora representando o PT<sup>2</sup>, foi eleita em 1982 com 26.043 votos e lhe foi atribuída a liderança da bancada na Câmara Municipal de São Paulo. Em 1986 se candidatou a deputada estadual e foi eleita com 35.622 votos. E mais uma vez, foi apontada pelos companheiros, que também foram eleitos na época, como a líder da bancada, até meados do seu segundo mandato, quando renunciou para disputar as eleições municipais.

Enquanto deputada as principais metas para a sua gestão eram:

1. “Dar continuidade ao trabalho desenvolvido como vereadora do PT na cidade de São Paulo” (...)
2. “Trazer para o interior do partido a força dos movimentos sociais.” (...)
3. “Trabalhar com articulação entre os movimentos populares e os movimentos sindicais.” (...)
4. Continuar a luta pela

---

<sup>2</sup> PT - Partido dos Trabalhadores.

participação da mulher na vida política de nosso País.” (...) 5. “Participar efetivamente. No Congresso da constituinte Estadual.” (SOUSA, Luíza Erundina, 1991, p. 160-162).

Diante desse relato é possível compreender a importância da presença de uma mulher nordestina no cenário político da época, pois muitos nordestinos haviam migrado para São Paulo durante a época atrás de emprego, ela também imigrante relata;

Sou migrante. Esta é a trajetória de minha vida. Minhas raízes estão arraigadas na terra seca do Nordeste brasileiro, no Estado da Paraíba, na cidadezinha de Uiraúna, onde nasci. Desde pequena, com toda a família, vivenciei a experiência dos retirantes que fogem do flagelo da seca, ainda endêmico na região. A primeira vez foi em 1942, quando minha família emigrou de Uiraúna para Crato, no Ceará. Tinha oito anos. Os homens, meu pai à frente, andavam a pé, assim como minha mãe. Nós, as crianças, na sela dos burros em meio às malas. De noite tinha medo do escuro e também do passo muito lento de nossa caravana. De dia, padecia de calor e de sede, mas não chorava: aos oito anos de idade já sabia que não adiantava chorar. Na zona do sertão, a estação das chuvas deveria começar com o solstício de dezembro e terminar em junho, mas é raro que chova nesses meses; então se espera até o equinócio de março, a festa de São José. Se até lá não tiver chovido, prepara-se a fuga para não morrer de fome e de sede. Minhas raízes entre os “excluídos” tiveram um peso decisivo sobre meu comportamento e sobre a visão do mundo que formei. Minha família sobrevivia trabalhando no campo. Meu pai plantava milho, feijão e algodão em um pedaço de terra que produzia apenas o indispensável para viver. Quando a estação não permitia trabalhar ao ar livre, meu pai se virava como artesão, produzindo celas e rédeas. Era muito conhecido e respeitado por sua habilidade profissional e por sua honestidade: chamava-se “seu Tônico”. Até hoje, o dia 19 de março é o limite máximo de espera para um nordestino; até essa data deve decidir se fica ou se vai: é a hora de entrever os sinais que indicam a vinda de chuva ou de seca. Lembro-me de que aos cinco ou seis anos já era capaz de observar esses sinais da natureza: o horizonte, os pássaros, o calor do sol, a intensidade do vento; tomava parte da ansiedade da pequena comunidade; havia as procissões, levavam-se estátuas de santos de casa em casa, faziam-se novenas: se não aparecerem os sinais propícios, iniciavam-se os preparativos para o êxodo. Quando migramos em 1942, já percebia o sofrimento dos meus pais. Minha mãe me contou, mais tarde, que me via engolir as lágrimas silenciosamente; desde menina

participava como adulta do sofrimento de minha família. Crescendo nesse ambiente de miséria geral, compreendi desde muito cedo que havia algo que não funcionava no sistema, mas não conseguia explicar o porquê. Perguntava-me por que quase todas as famílias de Uiraúna migravam, perguntava também por que se suspeitava dos negros, isolando-os; viviam todos na mesma rua, que se chamava “rua dos negreiros” (...). Desse modo, a consciência da injustiça nasceu muito depressa em mim, e cresci acalentando o desejo de que a sociedade não fosse como era. (SOUSA *apud* BIMBI, 1996. p. 21)

O lugar que Erundina ocupa hoje permite compreender a seleção de sua memória, da qual trago um trecho significativo para apresentar/interpretar sua infância inserida em problemas sociais que afetaram sua vida. Ao se referir à sua consciência de menina sobre a desigualdade, principalmente agrária e por se considerar uma retirante. O retirante que foge da seca (Erundina foi um deles), o nordestino que obstinadamente planta as sementes três vezes no ano, mesmo sendo quase certo que secarão, constitui um tema inesgotável de estudos antropológicos, economistas, historiadores, mas sobretudo de inspiração para poetas.<sup>3</sup>

É possível observar que Erundina, provavelmente utiliza das suas lembranças para reforçar e explicar sua origem, enquanto uma mulher nordestina que se mudou para São Paulo em busca da sua carreira profissional e por conta da sua militância política. Dessa forma, ela se utiliza desses repertórios para se reconhecer como uma representante de pautas de gênero e compreender os caminhos trilhados em sua trajetória política. Além do mais, ela se utiliza de lembranças coletivas para compreender sua origem, podendo assim se identificar como parte de um grupo (POLLAK, 1992). A narrativa de Luiza Erundina traça um processo quase que linear, ligando no seu passado pessoal e no presente político, dando sentido militante à sua própria vida. O conceito de “ilusão biográfica”, desenvolvido por Pierre Bourdieu (2015) Ele escreve que as pessoas partem de uma noção essencialista de suas vidas para lhe dar um sentido e poder assim compreender a si mesmo. Sendo assim, expressões como “desde que nasci” ou “desde sempre” dariam uma sensação de

---

<sup>3</sup> Linda Bimbi (1925 – 2016) foi uma freira italiana que teve atuação em movimentos em defesa dos direitos humanos no Brasil. Atuou como jornalista e construiu laços de amizade com Luíza Erundina de Sousa no decorrer de sua militância e gestão como prefeita de São Paulo  
BIMBI, Linda. Uma veia de utopia: a trajetória de Luiza Erundina de Sousa. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 12

homogeneidade para uma trajetória, o que deve ser lido com cautela por quem estuda uma vida. <sup>4</sup>

No sentido de compreender os sentidos da entrevistada em reconstruir a sua trajetória: ao trazer aspectos recorrentes que se referem ao problema da terra e da situação dos nordestinos, importa menos a relação direta entre os fatos e mais a importância que eles ganham em seu relato, dando sentido à vida de uma mulher num contexto em que poucas conseguiram escapar do êxodo rural, da pobreza, da opressão de gênero e do preconceito. Ela constrói, por suas palavras e sua performance serena, mas firme ao falar, uma autoimagem de superação que nasceu de sua indignação pessoal na infância, mas que ganhou dimensão coletiva ao amadurecer, identificando-se com a luta de famílias e grupos que, como ela um dia, continuam a enfrentar problemas relativos à concentração agrária.

De acordo com Albuquerque Júnior, as imagens que eram vendidas nas mídias e livros da população nordestina, eram construídas na oposição com o Sudeste e o Sul.

A capital paulista triplicou seu tamanho, enquanto sua população de origem nordestina cresceu dez vezes. Entre 1950 e 1960, a cidade recebeu 1 milhão de migrantes, representando 60% do seu crescimento. Em 1970, o censo apontava que “70% da população economicamente ativa na cidade havia passado por algum tipo de experiência migratória” (ALBUQUERQUE Jr., 2011, p.46).

Nesse sentido, muito do que foi atribuído à região e ao povo nordestino veio de representações a partir do olhar desses centros, desta forma Erundina também era vista por seus novos vizinhos e companheiros de militância. Apesar dos seus capitais construídos, identifica-se que ela era vista como extremista e radical por ter concepções sobre como queria comandar o seu primeiro cargo político.

## **2.2. CASAMENTO, RELAÇÕES DE GÊNERO E DESVIO**

O casamento corresponde a um arranjo social que cria para o indivíduo uma espécie de ordem, a qual poderá fazer com que sua vida possua sentido, já que a conjugal idade não está relacionada apenas às relações interpessoais, mas também

---

<sup>4</sup> Temporalidades – Revista de História, ISSN 1984-6150, Edição 31, v. 11, n. 3 (Set./Dez. 2019)

à realização social que seria consequência da estabilidade do indivíduo (TORRES, 2001). Essa estabilidade faz parte de como as famílias do sertão nordestino em meados do século XIX. Era a partir da escolha do cônjuge que era desenvolvido as estratégias para que o matrimônio acontecesse. Após o século XIX e meados do século XX, nos anos de 1960 a família tradicional sofreu modificações com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, os métodos contraceptivos, divórcio, a desvinculação entre a reprodução e sexualidade, e vários outros fatores.

Os movimentos entre as mulheres da cidade e do campo, foram aumentando e as pautas também, os movimentos feministas e de mulheres rurais, levantaram questões relacionadas a luta de classe, opressões, violências, sexualidade. Nas análises feministas acerca das relações conjugais, retrata-se o casamento como uma instituição em que as mulheres são exploradas a partir da realização de um trabalho gratuito, sem que haja reconhecimento ou retorno financeiro (SINGLY, 2007). Também existem mulheres que não possuem o matrimônio como principal objetivo de vida e acabam rompendo com a “norma” associada às expectativas atribuídas ao gênero feminino, por outro, elas sofrem julgamentos morais dentro das próprias famílias e pela sociedade em geral.

É interessante compreendermos que existem grupos sociais, e que nesses grupos existem normas, presentes na lei ou firmadas por tradições, a partir de acordos informais, com a finalidade de distinguir comportamentos como “corretos” ou “errados”. Assim, as pessoas que não se encaixam em tal imposição social são consideradas desviantes. Luiza Erundina se enquadra nessa perspectiva “desviante”, pois, parte do pressuposto de que uma minoria de indivíduos ou grupos que podem romper com padrões, limites e/ ou valores, que são pré-estabelecidos na situação em que se encontram, de forma consciente ou inconsciente. Dessa forma, a utilização do termo desviante é uma forma de caracterizar o “transgressor” que variou do que seria o esperado (VELHO, 1985).

Compreende-se que um ato, para ser desviante, dependerá de uma relação entre quem o comete e como as pessoas reagem a ele (BECKER, 2008). Uma vez desviante, lhes são agregados atributos de cunho depreciativo, na intenção de categorizar as pessoas, dando origem ao termo denominado estigma (GOFFMAN, 1978).

Nessa perspectiva, as mulheres que não correspondem às expectativas sociais atreladas ao gênero feminino, e que buscam romper com as atribuições e nomenclaturas que colaboram para a reprodução de estereótipos de gênero, fazem de Erundina viver essa realidade. Ou seja, ela será insistentemente interpelada sobre as razões de querer ser e viver “diferente” das moças de seu tempo. Ao ser questionada diversas vezes durante sua adolescência, sobre o casamento, por exemplo, ela assim se expressou:

Entendia que o casamento seria uma coisa minha, individual. A escolha feita no início da adolescência foi tão marcante que até hoje exerce influência positiva e negativa na minha vida. Não gosto de falar de renúncia, de sacrifício, pois sei que optei e opto por um fim que me dá uma sensação de plenitude, que me realiza. No entanto, meu caso revela o drama de muitas mulheres. A sociedade brasileira não prepara a mulher para o exercício do poder, não é organizada de modo a deixá-la participar da luta política. As mulheres, não dispõem do mesmo tempo que os homens para se dedicar à política, pois elas devem se ocupar da casa dos filhos e frequentemente trabalham fora. Isso não é justo. A sociedade deve mudar. Quanto mais numerosas formos na política, mais condições teremos de mudar esse quadro negativo. (BIMBI, 1996, p. 26).

A prefeita de São Paulo trata do fato de não se casar como um ato de rebeldia, pois suas amigas, primas, mulheres da sua época que moravam em Uiraúna haviam casado, construído uma família mesmo naquelas condições conturbadas da seca do Nordeste. Vânia Vasconcelos (2018), ao desenvolver pesquisa sobre mulheres nos sertões nordestinos, refletiu sobre as representações em torno do “feminino”, associado a comportamentos de submissão, sofrimento por conta das condições econômicas, pelo patriarcado e pelas crises de secas, pois na época as chuvas no Sertão eram poucas.

No entanto, ao entrevistar mulheres sertanejas, ela demonstrou como os sertões brasileiros são espaços plurais e potentes, de mulheres que eram totalmente subestimadas a partir do olhar do Sul e Sudeste do Brasil, mesmo que historicamente fossem e ainda sejam associados à fome, à seca, a concepções de masculinidades ligadas ao machismo, agressividade e estigmatizadas. Muitas delas acabavam recebendo títulos como “moça veia” (mulher virgem que já passou da idade de casar e ter filhos), “tia” (mulher que não foi mãe e sua posição dentro da família é ser tia,

título de menor *status* na unidade familiar, se comparado ao de mãe), “solteirona”, “puta veia” (mulher que já se relacionou com vários homens, porém não casou e não teve filhos). Esses títulos estão associados a significados que as caracterizam como mulheres que desviaram da “natureza”. Como a citação acima afirma, Luiza optou por não fazer parte desses modelos de famílias sertanejas, estavam fadados a construir a vida da forma tradicional, mas se sentia uma mulher sertaneja, Acrescenta ainda sobre esse tema, Luiza Erundina:

Percebi a necessidade de transformar essa realidade, de não me casar, não ter uma filharada, não ter um modelo e reproduzir aquele modelo que vinha de gerações e gerações. Eu rompi! Foi a primeira ruptura que eu fiz na vida, do ponto de vista pessoal. Foi exatamente romper com o padrão de organização pessoal de vida, de ter família, enfim. Porque eu descobri a política como sendo um instrumento mais eficaz para se ajudar a mudar a realidade: realidade social, realidade econômica, a realidade política, e pensar na perspectiva histórica de mundo, não só de minha cidadezinha, meu país, mas uma perspectiva de mundo.

Assim, é possível observar que Erundina rompe com a estrutura de vida que era comum para as pessoas de Uiraúna, e entende que estudar, fazer faculdade pública, entrar na militância, foi fundamental para compreender a situação social e de gênero existente. Como afirma Vânia Vasconcellos (2018), um dos desafios de escrever sobre sertanejas/nordestinas está em encontrar uma linha de equilíbrio entre compreendê-las e defini-las para além de “vítimas do patriarcado” ou das condições adversas da seca e da fome, e colocá-las num pedestal como mais revolucionárias e rebeldes que quaisquer outras, entendidas por certa “fortaleza natural”.

É crucial compreender um pouco da história de vida de Luiza como cidadã do sertão, desde sua infância até o início de sua militância. Além disso, explorar o contexto social da cidade de São Paulo durante o seu período de migração do sertão ao sudeste do Brasil. Por fim, neste capítulo a intenção era dialogar e compreender o fenômeno Luiza Erundina e o começo da sua vida enquanto uma mulher política.

### **3. LUIZA ERUNDINA – ELEITA A PRIMEIRA MULHER PREFEITA DE SÃO PAULO**

A personagem social da pesquisa, foi escolhida a partir de estudos e indagações sobre as marcas e presenças que se estabelecem na construção subjetiva de uma liderança “mulher” na contemporaneidade, em suas mais diversas áreas, no processo de redemocratização brasileira. A narrativa sobre si nos provoca a pensar sobre uma representação significativa e robusta que liga aspectos pessoais e coletivos na construção singular de uma representatividade “feminina” nos espaços de poder em que predomina, ainda, uma estrutura sexista, racista, capitalista.

A busca por um representante que visasse o interesse da população em São Paulo, logo após um período marcante de ditadura civil militar tornou Luiza a primeira prefeita de São Paulo com 54 anos. Após eleita, sua gestão iniciou-se com os seguintes secretários: Paulo Freire como o (Secretário de Educação), Marilena Chauí (Secretária da Cultura), Hélio Bicudo (Negócios Jurídicos), Eduardo Jorge (Secretário da Saúde), Tereza Lajolo (Secretária dos Transportes), Paulo Azevedo (Secretário das Vias Públicas), Lúcio Gregori (Secretário dos Serviços e Obras), Paul Singer (Planejamento), Erminia Maricato (Habitação), Juarez Soares (Secretario dos Esportes/Recreação), José Eduardo Cardozo (Governo), Fermino Fecchio (Secretário de Administração), Adhemar Gianini (Secretário de Abastecimento), Amin Khair (Secretário das Finanças) e Perseu Abramo (Secretário de Comunicação) Aldaíza Sposati (Secretária da Administrações Regionais), Marta Campos ( Secretária do Bem-Estar Social). Alguns como Paulo Freire e Marilena Chauí são pessoas com carreiras renomeadíssimas, principalmente após exercer esses cargos durante o governo da prefeitura de São Paulo por Erundina. Apoiada pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e por Lula, um dos maiores líderes sindicais da época. Luiza a única mulher que estava concorrendo ao cargo de prefeita da maior cidade da América Latina, ela relata em sua biografia:

Na classe média circulava uma frustração quase um ceticismo com relação aos partidos e a política: “Vamos votar nessa mulher, não vai ganhar mesmo”. Naturalmente as euforias de alguns setores me gratificavam; as mulheres se sentiam afirmadas, o nordestino se sentia afirmado, os excluídos se sentiam afirmados, a base social da qual eu provinha começou a acreditar na sua própria força e na possibilidade de mudar o estado das coisas. Quanto ao PT meus partidários nas prévias haviam me transmitido uma é notável carga de energia que se revela na paixão com a qual eu tinha enfrentado a campanha com um perfil decidido contra a discriminação que é

a alavanca mais conhecida do meu empenho público. (BIMBI, 1996. p. 82)

Figura 2- Luiza Erundina abraçada a Paulo Freire. Extraído do Google imagens



5

Claramente, Erundina compreendia que sua representatividade enquanto mulher, nordestina estavam sendo validadas no campo Social e partidário. As minorias se sentiam representados por Erundina, acreditavam no seu poder político devido a construção da sua história política de militâncias. Já outra parcela da Sociedade de São Paulo, não entendia a forma de como ela fazia sua campanha política, que era indo para as ruas, conversando com as pessoas “cara a cara”, no chamado “corpo a corpo”. Pois, essa forma de fazer campanha era diferente do que estavam acostumados. Então, votavam nela mesmo achando que ela não ganharia, por ser mulher e pela forma de como ela fazia sua campanha política.

Representações associadas ao feminino parecem comparecer com eficácia nos momentos de crise política ou transição seja na ótica corretiva (“mulher age diferente”), na visão altruísta (“interesses coletivos acima dos individuais”) ou na perspectiva salvacionista (“relações mais humanistas”)

---

<sup>5</sup> MULHERES SOCIALISTAS. Luiza Erundina com o educador Paulo Freire. Disponível em: <https://www.mulheressocialistas.org.br/luiza-erundina-com-o-educador-paulo-freire/>. Acesso em: 18 jun. 2024.

emerge a ideia de uma posição diferente, geralmente marcada por oposições radicais. (BARREIRA, 2008. p. 29)

A candidatura de mulheres após o período de redemocratização era vista como exemplos de inovação para os partidos políticos devido à crise política. Ao analisar a história de vida de Luiza Erundina e observar seu perfil político, é interessante observar que seu personagem político se enquadra nessas três visões citadas acima. Por mais que existisse a dúvida da sociedade de sua vitória, por ser uma mulher que concorria ao cargo de prefeita da maior cidade da América Latina, poderia existir a visão que por ser mulher poderia agir de forma diferente durante seu mandato de prefeita, visto que, mulheres poderiam ser mais propícias a pensaria no bem público de acordo com suas metas de governo e cuidaria da população devido sua trajetória de vida, então a possibilidade de acerto em votar em uma mulher para prefeita de São Paulo poderia ser uma opção viável para o período em que a cidade se encontrava.

Nos dois primeiros meses a campanha não precisou sequer de um tesoureiro, não havia quase nenhum dinheiro a administrar. Enquanto os candidatos Paulo Maluf, do PSDB, e João Oswaldo Leiva do PMDB aplicavam rios de dinheiro em suas campanhas, a candidata petista chegou vitoriosa às urnas gastando uma quantia bem menor do que 60 e 70 milhões de cruzados, dos quais 32 milhões foram pagos a produtora independente que dirigia os seus programas eleitorais para a televisão" (...) "A campanha foi difícil, dolorosa mesmo. Pobre de recursos e de pessoal com uma estrutura precária de muitos dos comícios foram fracos assistidos por pouca gente, era como tirar leite de Pedra". (OLIVEIRA. 1988, p. 137 – 139)

A campanha política nessa época era de acordo com o engajamento político, visto que os políticos que tinham mais populismo, mais dinheiro era liberado pelos partidos. Mas, quando se tratava das mulheres e suas campanhas políticas, a distribuição e o alcance dessa "verba" eram mais difíceis, por mais que Erundina, por exemplo, estivesse fazendo parte do partido que mais apoiava mulheres na época, que era o PT. O amplo estudo comparativo de Katz e Mair (1992), envolvendo 30 anos (1960-1990) de existência de organização de 79 partidos de democracias consideradas consolidadas, mostra que foram os partidos de esquerda os primeiros a incluir algum tipo de norma interna voltada para ampliar a participação das mulheres.

Figura 3- Erundina ladeada por Lula e outros políticos – Extraído do Google imagens



6

Talvez seja por isso que, desde os primeiros anos analisados, esses partidos detivessem percentuais maiores de dirigentes e de representantes parlamentares. Todos os estudos mais recentes constataam essa tendência. Por isso é necessário compreender que o fato de Erundina ser uma mulher e de esquerda dificultava a situação em relação aos investimentos de sua campanha em relação aos seus adversários homens e de outros partidos. Os homens gastavam valores exorbitantes em suas campanhas políticas, enquanto para mulheres existia uma dificuldade para o investimento em suas campanhas políticas. Diante disso, mulheres como Erundina que fazem parte da esfera política, enfrentam desafios para desconstruir lugares masculinos e masculinizados socialmente legitimados para a sua participação política, com a atuação política sempre voltada para pautas para minorias.

É possível observar que a imagem pública construída sobre Luiza Erundina se encaixa nas mulheres que estavam na política que rompe estereotipados papéis de gênero, aqueles tradicionalmente rígidos, que são reforçados nos espaços de trabalho político, mas Erundina era uma mulher, militante de esquerda e solteira, sem histórico de relacionamentos com homens ou mulheres, não se enquadrava no papel

---

<sup>6</sup> NEAMP PUC-SP. Luiza Erundina de Sousa. Disponível em: <https://neamp.pucsp.br/liderancas/luiza-erundina-de-sousa>. Acesso em: 18 jun. 2024.

hegemônico de uma “mulher feminina” devido ter cabelo curto, por não usar roupas que são lidas pelo senso comum de “roupas femininas” e por ser uma mulher branca, não há consideravam com uma aparência do ideal eurocêntrico por não ter construído sua vida no Sul/Sudeste do país, em entrevistas ela relata que era chamada de “queimada do sol” devido ser Nordestina, remetiam o estereótipo o fator climático ao seu tom de pele.

#### 4. PERSONA PUBLICA E MÍDIA

Figura 4- Luiza Erundina já como Deputada estadual, discursando perante o Movimento dos "sem terras" da Zona Norte, São Paulo, 1988



Segundo Albuquerque (2004), a partir da década de 1980 vários países e um deles o Brasil, adotaram conjuntos de ações que proporcionaram 39 mais profissionalizações às campanhas, com a importação de diversas técnicas originadas nos Estados Unidos. Com isso, a propaganda política na televisão brasileira teve suas origens na década de 1960, mas foi apenas a partir da metade de 1980 que alcançou relevância política. Os códigos da TV, aliados ao conteúdo político que precisa ser passado no espaço destinado à propaganda eleitoral, são transmitidos com três características principais segundo Gomes (2004). A primeira é o drama, ligado ao

enredo construído, personagens e sentimentos como riso ou comoção. A segunda, diretamente relacionada à primeira, se deve ao entretenimento provocado pelos próprios vídeos e suas imagens, sons e textos. A terceira acontece quando apresenta novidades, surpreende o telespectador com seus argumentos e o envolve no objetivo exposto.

A partir da imagem acima, é possível observar a forma como Erundina se vestia ao ter contato com o povo durante a sua campanha política para prefeita de São Paulo. Segundo Bimbi (1996) Luiza Erundina relata: “O encarregado do PT pelo setor de “mídia” Francisco Malfitani, procurava suavizar minha imagem: a <sup>7</sup>“xiita” agressiva tinha se transformado em uma mulher delicada, o meu nome não era mais Erundina, mas Luiza, e procuravam colocar em evidência as minhas atitudes mais brandas”. Então a partir disso, é interessante observarmos o vídeo e *jingles* da campanha política de Luiza, primeiramente a letra:

Quando todos souberem bem do carinho e coragem que você tem  
Como naquela canção, se deram as mãos, homem e mulher  
É, aí você bota ordem na casa como tem que ser  
Com carinho e coragem, Luíza São Paulo tem você Luíza, Luíza  
Só sendo mulher para acabar com esse tipo de gente  
Que não é vidente

A partir de algumas estrofes da letra do *jingles*, é possível observar que existe toda a questão do sentimentalismo, pois quando mulheres estão ligadas a política automaticamente a sociedade as relacionam com questões de cuidado e sentimentos. Visto disso, associam Luiza ao fato de ser mulher que comandaria a casa, essa casa seria referente a cidade de São Paulo. Ou seja, a imagem de Erundina é relacionada também a imagem da mulher doméstica, que saberia cuidar da casa e a maternidade. Provavelmente o propósito dessa música era propor para a população a ideia de que ela enquanto mulher organizaria a “casa” São Paulo com ordem, carinho e coragem, reforçando assim os estereótipos de gênero a sua imagem.

---

<sup>7</sup> Gíria atual usada para identificar uma pessoa ou uma ala de partido exageradamente radical e intransigente.

Figura 5 - Luiza Erundina no seu primeiro horário político televisionado



Nas imagens do vídeo da música acima, aparece a candidata caminhando nos becos da Vila Madalena em São Paulo, com várias pessoas que representavam a minoria do país, como os operários, mulheres, jovens e negros. E logo adiante, aparece bem-vestida usando um paletó branco e uma blusa por dentro azul, que é uma vestimenta considerada pela sociedade do gênero masculino, mas que serve para transparecer uma seriedade, em tons leves, voz serena.

Candidatas passam por avaliações constantes e numerosas sobre suas roupas, modos de falar e gesticular, cabelos e acessórios usados. Segundo uma pesquisa feita por Panke (2015) Seis estereótipos femininos se sobressaíram nos materiais de campanhas eleitorais analisados, existem as *personas* de: a dona de casa, a guerreira, a mãe, a atenciosa/sensível, a submissa e a trabalhadora. Segundo a autora, alguns desses papéis costumaram ser usados como forma de gerar aproximação com os telespectadores que estavam assistindo aquela propaganda política, a partir do que é falado e exposto.

---

<sup>8</sup> PARTIDO dos Trabalhadores. Programa Luíza Prefeita. 1988. Youtube. Canal Uirá Ramos. Erundina prefeita 1988. Postagem: 14 de janeiro de 2013. (8 m 23 s). Disponível em: [https://youtu.be/109YDb5V\\_sU?si=PS8x7Kdy8GJMe5hj](https://youtu.be/109YDb5V_sU?si=PS8x7Kdy8GJMe5hj) Acesso: 17/04/2024 às 20:46 hrs

Ainda que as candidatas se apresentem como guerreiras, por exemplo, há opções estratégicas de ajuste de imagem, reforçando uma em detrimento de outra. (...) Não há como simplesmente encaixar uma candidata num dos perfis, caso não tenha nada a ver com ela (PANKE, 2016, p. 121).

Um pouco mais adiante no mesmo vídeo referenciado, aparece a candidata em uma montagem retirando com a mão a palavra “não” do paletó de um ditador chileno, que era a favor do plesbicito, assim tomando partido de que seria contra esse tipo de poder. O partido mostrava nos vídeos a partir do Humor que Erundina não iria concordar com algumas situações e opiniões políticas da época. Tudo na base do humor para que a sociedade compreendesse o que realmente o Partido queria que Erundina representasse, pois segundo Holtz:

Se uma mulher se apresenta como fria, calculista e agressiva, como é esperado nos negócios políticos, ela corre o risco de ser rejeitada por ser uma mulher masculinizada. Se, por outro lado, ela se apresenta sob traços explicitamente femininos, ela pode ser vista como inapta para os desafios dos negócios políticos (Holtz-Bacha, 2013, p. 48).

Por mais que o partido que Erundina fazia parte quisesse modificar a sua imagem e as imagens que eram circuladas em jornais e horários políticos tivessem o intuito de vencer as eleições, Erundina possui uma *persona* que ficava no meio termo dessas definições acima utilizadas. Ela não aparentava ser uma mulher com comportamentos físicos explicitamente femininos como cabelo comprido, usar vestidos e saias, mas tinha um discurso do cuidado e voz que acalmava, Vale salientar que ela sofreu muito durante o período das eleições, a todo momento jornais importantes soltavam matérias referente a Erundina com “ar” de desprezo, por ser uma mulher nordestina, com ideias pré-concebidas de referência ao papel tradicional da mulher na sociedade Brasileira.

O Estado Civil, a idade e a beleza sempre foram questões para a mídia da época. Vale para todas as famosas frases do correspondente da *Folha de São Paulo* em Nova Iorque que em 25/11/1989 assim intitulava o artigo; “Erundina deve ser um macho”. Ou a chamavam de “sacerdotisa dos humildes” tanto que, em um editorial do jornal *O Estado de São Paulo* de 14/12/1988 lia-se: “[...] Foi saudada em sua Terra como profeta. Por onde passou, o povo quis tocar a fímbria de suas vestes [...], puxar um fio de seu cabelo claro. Ninguém prestou muito atenção às palavras inflamadas de sua

pregação do socialismo. O povo preferiu vê nela a Esperança já depositada antes no profeta de Juazeiro do Norte, no beatos de Canudos [...]”. No Sul, ao contrário a representavam como um invasor, junto com seus conterrâneos (aparecia nos jornais como um “hordas nordestina”), portanto indesejável e proibida de exercer o poder na metrópole (*revista Isto É*, 14/12/1988). Valia a equação nordestina = migrante = invasor. (BIMBI, 1996, p. 16)

A maneira como Erundina foi descriminalizada e os termos usados para se referir a uma mulher nordestina que tinha construído uma carreira política a base de militância e comprometimento político, foi bastante violento. Como aponta Biroli (2014, p. 118), “a definição do feminino pelo olhar masculino, predominante nos meios de comunicação e na publicidade, é um dos dispositivos para a reprodução ampla desses padrões. Fortalecem-se, assim, idéias e estereótipos que prescrevem comportamentos”. Questionamentos por parte dos veículos de comunicação da época também indagavam sobre a vida sexual e privada de Erundina, sempre era questionado o fato de não querer se casar, construir uma família ou ter uma vida sexual ativa. Por nunca falar sobre sua vida pessoal ou relacionamentos, Erundina fuge da regra de ser uma mulher sensual e vaidosa. Em um programa de humor da época do SBT, no minuto (58:50) aparece um ator performando e interpretando Erundina repetindo diversas vezes: “como mulher, como nordestina, como prefeita”.

Figura 5 - Ator representando Luiza em programa ao vivo.





É necessário o questionamento do fato de terem colocado um homem para interpretar Erundina, a forma de como a mídia tratava da feminilidade não apenas nos jornais como foi mostrado anteriormente, mas também em programas famosos de TV, que usava da sátira para falar sobre assuntos muitas vezes questionados pela sociedade da época. Como foi visto anteriormente, Jornais, revistas, TV, veículos de comunicação tratavam da imagem de Erundina partindo de um ponto de vista misógino e xenofóbico. Em uma das suas Biografias, escrita por seu conterrâneo e jornalista José Nêumanne Pinto em (1989) há uma reprodução desses estereótipos de gênero e preconceitos. O jornalista relata:

Desprovida dos encantos físicos que ornaram o corpo da mãe e se fazem presentes na irmã caçula (...) Erundina, solteira como a irmã Lourdinha, define o celibato como uma opção consciente. “Beleza não me faz falta” (...) Para Erundina, militante do básico, fanática do essencial, o casamento e a maternidade não fazem parte de seu projeto de vida. Sua vida, primeiro foi dedicada à educação das irmãs e, depois, voltada para algo que ela define como “a luta dos trabalhadores”. Não havia lugar para fraldas, cueiros e roupa suja de marido. (PINTO, 1989, p. 50-51)

Essas tentativas corriqueiras de desqualificar o feminino a todo custo, mostra que o jornalista tenta justificar de forma machista que ela não se casou por ter comportamentos exagerados e devido sua aparência física, mas infelizmente esse imaginário de que comportamentos, modos de vestir e a feminilidade na época fazia parte da sociedade. Assim, é possível observar que mesmo depois de ter alcançado um patamar histórico de poder e referência enquanto mulher e nordestina, a primeira

prefeita da maior cidade da América Latina ainda era vista com desrespeito, mas mesmo com todas as dificuldades, a entrevistada Luiza Erundina pondera:

Minha eleição também foi uma vitória sobre o “machismo” assimilado frequentemente na consciência feminina. Muitas Mulheres haviam recuperado a confiança em si próprias. Como responder a tantas expectativas? Como gratificar as companheiras da base que haviam financiado a minha campanha com pequenas doações em dinheiro, loterias, jantares bailes, festas de rua e barraquinha na feira para vender doces? Companheiras que haviam fundado comitês eleitorais nos bairros populares, nas favelas e nas fábricas? É terna a lembrança do velho caminhão que me havia levado por toda a cidade, e a um certo momento chocou-se com o ônibus da zona sul e ficou lá como ferro velho. Esses pensamentos e preocupações se reduziram as justas proporções durante os dias que passei na minha Terra. A gente simples queria me tocar porque me considerada abençoada por Deus. [...] Em meio à alegria das pequenas multidões entusiasmadas, reconhecida a força misteriosa da esperança, que nasceu antes de mim e depois de mim continuará e que dá sentido a minha precária contribuição de migrante Nordestina. (Bimbi, 1996. p.86)

Compreenda-se que ela sabia da importância de sua candidatura e principalmente depois da sua vitória, devido todas as especulações da mídia e a dúvida da sociedade de se ela iria ganhar e sobre a sua competência enquanto uma mulher para governar a cidade de São Paulo, mostra que o movimento de sororidade e apoio entre as mulheres foi necessário para que ela atingisse a vitória.

## **5. A IMPORTÂNCIA DA CANDIDATURA DE MULHERES NA POLÍTICA**

É necessário compreender que Erundina foi eleita como prefeita em um período que pouco se via a presença de mulheres em espaços de poder, como prefeitas, deputadas, senadoras. Esses cargos eram totalmente renegados para mulheres devido aos preconceitos e por não haver políticas públicas para a participação de mulheres em cargos de poder. Em 1986, foram eleitas deputadas federais em número mais expressivo (26 deputadas); apenas em 1990, foi eleita a primeira senadora com mandato efetivo; e, em 1994, foi eleita a primeira governadora no país. Então, a partir dos anos 90 promoveram a ampliação em torno da emancipação feminina, que eram ações em cargos de políticos, como o legislativo. E surgiu o feminismo popular, que era formado por mulheres pobres que participavam

dos sindicatos e militância, então é nesse período que compreendem que é necessário que mais mulheres se fizerem presentes, ouvidas e ativas dentro das instituições de poder e decisão.

O alvorecer do século XXI traz para o movimento feminista o tema da participação política das mulheres nas esferas de decisão do Estado, passando a entender a participação paritária institucional como um dos eixos mais importantes – e ainda intocados – rumo a uma sociedade mais justa e equânime no que tange às questões de gênero. Gostaríamos de destacar que o reconhecimento deste tema representa mais do que apenas um deslocamento de agenda, trata-se de uma nova fase para os movimentos feministas no Brasil: já há a percepção de que a participação política e a atuação dentro das esferas do Estado é uma estratégia de grande importância para a busca de uma sociedade mais justa, levando-se em conta os instrumentos de controle de políticas públicas que visem à reparação de desigualdades de uma forma mais eficaz que as velhas formas de manifestação. (CORTÊS; MATOS, 2010, p. 38)

Diante desse contexto de conquistas e autonomia feminina, foi estabelecida no ano de 1997, a Lei nº 9.504, que assegura uma cota mínima de 30% e uma cota máxima de 70% para cada um dos sexos, se estendendo para cargos eleitos por voto proporcional (Câmara dos Deputados, Assembleias e Câmara Distrital). Em 1995, a Lei nº 9.100 estabelecia uma cota mínima de 20% para mulheres. Como argumentam Grossi e Miguel (2001), num contexto mais amplo das ações afirmativas, a política de cotas visa alterar variados quadros de desigualdade (racial, étnica, sexual, social).

No caso das cotas eleitorais por sexo, esta ação afirmativa busca criar condições para o estabelecimento de um maior equilíbrio entre homens e mulheres no plano da representação política. Num primeiro momento, são medidas compensatórias que possibilitam que mais mulheres ocupem espaços. Num segundo, são medidas distributivas que buscam assegurar a igualdade entre homens e mulheres. (GROSSI; MIGUEL, 2001 p.169)

Dados divulgados pela União Inter-Parlamentar (UIP), após as últimas eleições gerais de 2022, apontaram que num total de 190 países, o Brasil ocupa apenas a 133ª posição no *ranking* de representação feminina no Legislativo. A média mundial de representação feminina no Legislativo é de 25,4%, no Brasil esse percentual é de 17,5%, abaixo da média mundial, dado que evidencia que ainda é muito baixa a

presença de mulheres no parlamento brasileiro. Outro fator importante, é compreender se realmente essa Lei de Cotas age de forma eficaz, pois existe uma enorme deficiência quando se trata da fiscalização dos partidos, pois alguns deles não cumprem com os percentuais exigidos por lei. Muitas vezes, burlam e montam chapas que são chamadas de “candidaturas laranjas” que servem para preencher o mínimo de candidatura que é exigida por sexo, ou, são candidaturas “falsas”.

A vulnerabilidade diante as cotas e a tentativa de reverter a lógica da sub-representação feminina, a fim de garantir maior eficácia das Lei de Cotas, a bancada feminina da Câmara dos Deputados, apresentou uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC), que foi votada no dia 16 de junho de 2015, tinha como texto explicativo que a destinação de 10% das vagas de cada coligação partidária voltada para mulheres. A proposta inicial tinha como objetivo a destinação de 30% dessas vagas para mulheres, mas após muita resistência por parte dos partidos maiores, o acordo ficou no percentual de 10%. A cota além da Câmara dos Deputados, englobaria também os legislativos estaduais e municipais. A proposta tem como objetivo central, garantir através da Lei, a seguridade da participação feminina nos parlamentos, que hoje encontra-se em torno desse percentual. A Declaração dessa lei, implica na instituição da presença feminina nos espaços de poder e de decisão, e garante que não haja retrocessos e diminuição dessa representatividade. Porém, essa lei não foi aprovada.

Após a rejeição da PEC na Câmara dos Deputados, o plenário do Senado, aprovou no dia 25 de agosto de 2015, em primeiro turno, o texto que estabelece cotas para as mulheres nas eleições para as vagas para deputada federal, estadual e vereadora. Por se tratar de uma alteração na Constituição, a proposta precisa ser votada em segundo turno no Senado e depois, seguir para análise da Câmara dos Deputados, onde também precisa ser votada em dois turnos para então ser promulgada. A proposta prevê percentual mínimo de representação de cada gênero na Câmara Federal, nas Assembleias Legislativas e nas Câmaras Municipais. O texto estabelece regras para as três legislaturas seguintes a qual a PEC for promulgada. Desse modo, na primeira legislatura a cota englobaria 10% das vagas para deputada federal, na segunda 12% para deputada estadual e na terceira 16% para vereadora.

É importante também compreender que a maioria desses representantes são do gênero masculino e votaram contra a participação das mulheres na esfera política. E por isso, muitas mulheres não alcançam as condições exigidas nos cargos políticos devido aos obstáculos que a sociedade dominada pela figura do “masculino” impõe, verdadeiras “paredes sociais”, construídas cultural e historicamente. Não é o bastante apenas a garantia desses percentuais mínimos para as mulheres se inserirem na política e terem voz de poder, mas também é preciso que os partidos desenvolvam e tenham como projeto o incentivo para as mulheres, como também o investimento igualitário nas suas campanhas, como foi mostrado anteriormente.

Erundina fez sua campanha para ser prefeita de São Paulo com doações de mulheres e movimentos populares, o partido em que era afiliada não investiu na sua campanha política.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim, é importante fazer a seguinte indagação ao concluir a leitura desse texto sobre a relevância da representatividade de Luiza Erundina e sua trajetória política durante esse período em que se propôs a se candidatar a prefeita de São Paulo: Compreender que essa atitude pode ser vista como um acontecimento marcante ou até mesmo histórico. Pois, no decorrer desse texto, reconheço que a escolha de analisar a trajetória de Luiza Erundina a partir de suas biografias que foram escritas por outras pessoas, me aproxima do objeto pesquisado, pelo fato de se identificar com algumas falas, atitudes e memórias afetivas, por ela sempre se mostrar como uma mulher migrante, por associar sua imagem sempre a trabalhadores e sertanejos. Além do mais, é necessário entender que ela pensava e agia além do seu tempo, entendia que para sair da situação de retirante e pobreza, era necessário ter formação acadêmica, devido ser uma das únicas formas de mudar as condições de vida em que se encontrava com seus familiares no sertão da Paraíba. Por isso, o comprometimento com os movimentos populares e militância, ela sabia que era uma representante das mulheres, defendia as pautas de gênero, e se sentia pertencente a esses grupos.

Questionada por sua feminilidade, não modificou sua imagem para que pudesse ganhar aceitação nos espaços de poder e na sociedade, por mais que essas questões tenham se modificado positivamente, até hoje Luiza Erundina ainda usa cabelo curto e não se casou, não se rendeu aos estereótipos de gênero voltadas para mulheres da sua época, mesmo questionada atualmente em entrevistas sobre essas escolhas. Ela é uma mulher popular, que conquistou seu público e uma base de apoio à sua candidatura através das suas campanhas políticas nas ruas, foi uma candidata que sempre teve contato com o povo, principalmente nas periferias de São Paulo. Diferente de como algumas mulheres são inseridas na política a partir do apoio das suas famílias, a de Erundina não possuía nenhum vínculo com a política. Pessoas e mulheres como Erundina, vindas do sertão da Paraíba, não se enxergavam na possibilidade de conseguir um cargo político de tanto, como ela chegou, pois, não existia essa possibilidade, principalmente por ser migrante e nordestina.

Por isso, a importância de se estudar a trajetória política de Erundina, pois a partir dela conseguimos observar as questões de gênero e as dinâmicas de poder. Por mais que Erundina fosse uma ótima representante, duvidavam da sua capacidade de governar, por isso não queriam investir na sua campanha política. Infelizmente, essa realidade ainda está presente nos dias de hoje, partidos não querem investir nem abrir espaços para que mulheres concorram a certos cargos. Por isso é necessário o incentivo para que mulheres participem da política, seja por leis ou políticas públicas, para que esses espaços sejam ocupados por mulheres para elas responderem por se mesmas. É lamentável como relacionam o feminino a responsabilidade pela gestão e organização do lar e a discrepância entre a quantidade de mulheres e homens em lugares de poder. Mulheres como Erundina que conseguiram esse espaço de poder em uma época em que mulheres não eram vistas nesses lugares na sociedade, é um acontecimento. Por isso, o ineditismo de Erundina, a sua coragem, resistência e seu amor à vida política.

## 7. REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. Senado Federal. Projeto de Lei nº 1256/2019. Altera a Lei nº 9.504 de 30 de setembro de 1997 que estabelece normas para as eleições. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/135505>. Acesso em: 26/04/2024 às 14:20

\_\_\_\_\_. Supremo Tribunal Federal. (Tribunal Pleno). Ação Direta de Inconstitucionalidade. ADI 5617/DF. Direito constitucional e eleitoral. Art. 9º da lei 13.165/2015. Fixação de piso (5%) e de teto (15%) do montante do fundo partidário destinado ao financiamento das campanhas eleitorais para a aplicação nas campanhas de candidatas [...]. Requerente: Procurador-Geral da República. Interessados: Presidente da República, Congresso Nacional. Relator (a): Min. Edson Fachin. Brasília, 15 de março de 2018. Disponível em: . Acesso em: 26/04/2024 às 14:48.

\_\_\_\_\_. Tribunal Superior Eleitoral. (Tribunal Pleno). Consulta. Consulta nº 0600252- 18.2018.6.00.0000. Senadoras e deputadas federais. Incentivo à participação feminina na política. Distribuição dos recursos do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC) e do tempo de propaganda eleitoral gratuita no rádio e na tv. Consulente: Vanessa Grazziotin e outras. Relator (a): Rosa Weber. Brasília, 08 de março de 2019. Disponível em: . Acesso em: 26/04/2024 às 15:34

A presença da mulher nordestina na democracia brasileira: o protagonismo na história oral de vida de Luiza Erundina The presence of northeastern women in brazilian democracy: the protagonism in the oral history of Luiza Erundina's life Ana Cristina Gonçalves de Abreu Souza

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. A invenção do Nordeste e outras artes. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES, M. E. R. Memória da participação política das mulheres na resistência à ditadura brasileira de 1964-1985. In: NEVES, A. V.; GHIRALDELLI, R., eds. Trabalho, democracia e participação no Brasil [online]. Brasília: Editora UnB, 2022.

ANDREAS, Niels (Fotógrafo) Agência folhas. Luiza Erundina de Sousa e Luís Inácio Lula da Silva, numa manifestação pública. In: Exercício da Paixão Política. São Paulo: Cortez, 1991, p. 122

Araújo, C. (2005). Partidos políticos e gênero: mediações nas rotas de ingresso das mulheres na representação política. *Revista De Sociologia E Política*, (24), 193–215. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782005000100013>

Arquivo da autora. Luiza Erundina já como Deputada Estadual, discursando perante o movimento dos “sem terras” da Zona Norte, São Paulo, em 1988. In: Exercício da Paixão Política. São Paulo: Cortez, 1991, p. 54

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Chuva de Papéis: ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil. Rio de Janeiro. Relume Dumará: Núcleo de Antropologia Política, 1998.

Barreira, Maria Emília Prado. Mulheres e representações políticas: a construção da liderança feminina. Editora: UNESP, 2008.

Barrero Jr., Roger Camacho. 2021. Entre lágrimas, sorrisos e muita luta: a inserção das mulheres nos espaços políticos do Brasil por meio das trajetórias de três militantes de esquerda – Lélia Abramo (1911 –2004), Luíza Erundina de Sousa (1934 –) e Irma Passoni (1943 –). Tese (Doutorado de História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Becker, H. S. 2008. Outsiders: estudos de sociologia do desvio. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Becker, H. S. 2008. Outsiders: estudos de sociologia do desvio. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Biroli, Flávia y Miguel, Luís Felipe 2011: Caleidoscópio Convexo – mulheres, política e mídia. São Paulo: Editora Unesp.

Biroli, Flávia y Miguel, Luís Felipe 2014: Feminismo de Política. São Paulo: Boitempo.

BIROLI, Flávia. Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018

BIROLI, Flávia. Uma mulher foi deposta: sexismo, misoginia e violência política. In: RUBIM, Linda; ARGOLO, Fernanda (orgs.). Op Cit, 2018.

BLAY, Eva Alterman. As prefeitas: a participação política da mulher no Brasil. . Rio de Janeiro: Avenir. . Acesso em: 14 maio 2024. , 1985

Bourdieu, Pierre. 1998. "A ilusão biográfica", in Marieta de Moraes Ferreira e Amado, Janaina. Usos e abusos da história oral (pp. 183-191) Rio de Janeiro, Editora da FGV BRASIL. Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997. Estabelece normas para as eleições. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9504.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9504.htm). Acesso em: 2 set. 2019.

COSTA, Ana Paula Guedes do Nascimento. "Violência política de gênero e a participação de mulheres na política." (2023).

ABREU SOUZA, Ana Cristina Gonçalves; DE OLIVEIRA ROVAI, Marta Gouveia. A presença da mulher nordestina na democracia brasileira: o protagonismo na história oral de vida de Luiza Erundina. Testimonios, v. 10, n. 10, 2021.

LIMA, Elizabeth Christina; NASCIMENTO, Ana Paula Guedes; PONTES, Carolina de Moura Cordeiro. A disputa e a sub-representação das mulheres nos espaços de poder: o caso da Assembleia Legislativa da Paraíba. Revista NEP-Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR, v. 2, n. 2, p. 299-333, 2016.

MORAES, Lorena Lima; DA SILVA NASCIMENTO, Nathália Marques. Mulheres rurais nordestinas e desviantes: um estudo sobre a quebra das expectativas de gênero no meio rural. Amazônica-Revista de Antropologia, v. 12, n. 2, p. 725-747, 2021.

Duarte, A. L.. (2010). Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista, 1945/1966. Revista Brasileira De História, 30(60), 255–258.

FONTES, Paulo. Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel paulista (1945-66). FGV Editora, 2008.

FOX, Richard L.; LAWLESS, Jennifer L. Entrando na arena?: gênero e a decisão de concorrer a um cargo eletivo. Rev. Bras. Ciênc. Polít., Brasília, n. 8, p. 129-163, ago. 2012.

FUSCO, Wilson; OJIMA, Ricardo. Migrações e nordestinos pelo Brasil: uma breve contextualização. OJIMA, Ricardo; FUSCO, Wilson;. Migrações nordestinas no Século, p. 11-26, 2015.

Goffman, E. 1978. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

GROSSI, Miriam Pillar; MIGUEL, Sônia Malheiros. Transformando a diferença: as mulheres na política. Revista Estudos Feministas, v. 9, n. 01, p. 167-206, 2001.

HOLTZ BACHA, C. "Quem cuida das crianças? A representação das mulheres do alto escalão político pelos media". Revista Compólitica, vol. 2, nº 3, jul.-dez. 2013.

JUNIOR, Roger Camacho Barrero. QUEM SOU EU? NORDESTINA, MULHER, TRABALHADORA E MILITANTE: IDENTIDADES E ESCRITAS DE SI NAS MEMÓRIAS DE LUÍZA ERUNDINA DE SOUSA (1934-).

Lima, Alice Marina Lira Guerreiras, maternais e profissionais - candidatas à presidência do Brasil no HGPE televisivo / Alice Marina Lira Lima – Curitiba

Linda Bimbi (1925 – 2016) foi uma freira italiana que teve atuação em movimentos em defesa dos direitos humanos no Brasil. Atuou como jornalista e construiu laços de amizade com Luíza Erundina de Sousa no decorrer de sua militância e gestão como prefeita de São Paulo.

MIGUEL, L. F. "Perspectivas sociais e dominação simbólica". Revista de Sociologia e Política, vol. 18, nº 36, p. 25-49, jun. 2010.

MIGUEL, Luís Felipe. Meios de comunicação de massa e política no Brasil. Diálogos latinoamericanos, v. 3, n. 1, p. 43-70, 2001

MULHERES RURAIS NORDESTINAS E DESVIANTES: UM ESTUDO SOBRE A QUEBRA DAS EXPECTATIVAS DE GÊNERO NO MEIO RURAL Lorena Lima de

Moraes Universidade Federal Rural de Pernambuco Unidade Acadêmica de Serra Talhada | Serra Talhada – PE – Brasil

PANKE, Luciana; IASULAITIS, Sylvia. Mulheres no poder: aspectos sobre o discurso feminino nas campanhas eleitorais. *Opinião Pública*, v. 22, p. 385-417, 2016.

PANKE, Luciana; LIMA, Alice. Instagram e a desqualificação do feminino nas eleições presidenciais brasileiras em 2014. *Revista Observatório*, v. 3, n. 1, p. 84-104, 2017.

PINTO, José Nêumane. *Erundina: a mulher que veio com a chuva*. Espaço e tempo, Rio de Janeiro, 1989

PITANGUY, Jacqueline. *Celebrando os 30 anos da Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes*. Série Anais de Seminário. Organização Adriana Ramos de Mello. Rio de Janeiro. 2018.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992

SARTI, Cynthia Andersen. *O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória*. Estudos Feministas. Florianópolis. 2004.

Singly, F. 2007. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Singly, F. 2007. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV

SOARES, Vera. *Muitas faces do feminismo no Brasil*. Disponível em: <http://www2.fpa.org.br/portal/uploads/feminismobrasil.pdf>. 1998

Torres, A. 2001. *Sociologia do casamento: A família e a questão feminina*. Oeiras: Celta Editora.

VALENZUELA, S.; CORREA, T. Madam or Mr. President? Chile's Michelle Bachelet, press coverage and public perceptions. Association for Education in Journalism and Mass Communication Annual Convention in San Francisco, California, 2009.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. *Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações sobre as mulheres em uma cidade do interior (1970 – 1990)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,

Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.). Mesmo assim, não podemos tomar essas posturas como regra entre sindicalistas ou religiosos (ROHDEN, Fabíola. Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente. Cadernos Pagu, n. 8/9, p. 51-97, 1997.)

Velho, G. 1985. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da Antropologia Social, in Desvio e divergência: uma crítica da patologia social, pp. 1-28. 6. ed. Porto Alegre: Jorge Zahar Editor.

## **Vídeo e Imagens**

ANDREAS, Niels (Fotógrafo) Agência folhas. Luiza Erundina de Sousa e Luís Inácio Lula da Silva, numa manifestação pública. In: Exercício da Paixão Política. São Paulo: Cortez, 1991, p. 122.

Arquivo da autora. Luiza Erundina já como Deputada Estadual, discursando perante o movimento dos “sem terras” da Zona Norte, São Paulo, em 1988. In: Exercício da Paixão Política. São Paulo: Cortez, 1991, p. 54

MULHERES SOCIALISTAS. Luiza Erundina com o educador Paulo Freire. Disponível em: <https://www.mulheressocialistas.org.br/luiza-erundina-com-o-educador-paulo-freire/>. Acesso em: 18 jun. 2024.

NEAMP PUC-SP. Luiza Erundina de Sousa. Disponível em: <https://neamp.pucsp.br/liderancas/luiza-erundina-de-sousa>. Acesso em: 18 jun. 2024.

PARTIDO dos Trabalhadores. Programa Luíza Prefeita. 1988. Youtube. Canal Uirá Ramos. Erundina prefeita 1988. Postagem: 14 de janeiro de 2013. (8 m 23 s). Disponível em: [https://youtu.be/109YDb5V\\_sU?si=PS8x7Kdy8GJMe5hj](https://youtu.be/109YDb5V_sU?si=PS8x7Kdy8GJMe5hj) Acesso: 17/04/2024 às 20:46 hrs.

Sistema Brasileiro de Televisão. Romeu e Julieta. Programa Hebe Camargo. 1990. Canal Cesar Ricardo Moreira. Ronald Golias e Hebe Camargo – Romeu e Julieta (2ª versão) – Completo – SBT – 1990. Postagem: 26 de agosto de 2019. (1 h 14 m 44 s).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VBOtCVpQzyg&t=3791s> Acesso:  
20/04/2024 às 16:56 horas.

Temporalidades – Revista de História, ISSN 1984-6150, Edição 31, v. 11, n. 3  
(Set./Dez. 2019)